



FIGURA 88- Trecho plano e amplo da Trilha do Veado, na FLONA de Canela, RS.

O relevo apresenta variação ao longo do percurso, intercalando trechos de maior ou menor dificuldade de locomoção.

Na entrada da trilha, a altitude é de 732m, e o exemplar no ponto mais alto, foi registrado a 761m. O terreno é bastante úmido e, por vezes, escorregadio. Uma constante durante a fase da coleta de dados foi a presença de um grande número de ramos quebrados e árvores tombadas (Figura 89).



FIGURA 89- Árvore tombada na Trilha do Veado, na FLONA de Canela, RS.

Estas condições apontam para a necessidade de monitoramento periódico, pois a presença de árvore tombada, assim como pode se tornar um atrativo, também, poderá impedir a passagem dos visitantes.



FIGURA 90- Detalhe de epífitas e xaxim presentes ao longo da Trilha do Veado, na FLONA de Canela, RS.

A maioria dos exemplares arbóreos ostentam espécies epífitas em seus troncos e ramos, além de diferentes espécies de cipós (Figuras 90, 91 e 92). A presença do xaxim (*Dicksonia sellowiana* Hook.) foi constante durante todo o percurso.



FIGURA 91- Detalhe de cipós junto ao tronco de exemplar arbóreo na Trilha do Veado, na FLONA de Canela, RS.



FIGURA 92- Cipós formando conjunto de valor cênico, na FLONA de Canela, RS.

Confrontando a listagem original dos atrativos da trilha e as condições atuais, observou-se:

- a ausência de espécies vegetais;
- a falta de identificação, pela queda ou desaparecimento das placas.

A falta de exemplares é resultante da construção do lago, tombamento e morte dos indivíduos, ou ainda, por outras razões não identificadas, resultando em uma redução dos atrativos conforme apresentado no Quadro 13.

No referido quadro são apresentados os atrativos, baseados na ordem apresentada no antigo material de divulgação da FLONA, o qual sugeria o trajeto a seguir. Foram omitidas as nomenclaturas botânicas das espécies, pois como, as mesmas não mais se encontravam, poderíamos incorrer em erro ao classifica-las sem a anterior identificação. Por esta razão foram utilizados os nomes comuns, os mesmos apresentados pela FLONA.

QUADRO 13 - Situação das espécies demarcadas na Trilha do Veado, na FLONA de Canela, RS. (Comparação entre o material original de divulgação da FLONA e levantamento atual).

Número Identifi- cação	Espécie/ele- mento	Nomenclatura científica	Situação	
			presente	ausente
01	Pinus	-		X
02	Pinheiro brasileiro	-		X
03	Pinho-bravo	-		X
04	Cipreste	-		X
05	Mexeriqueira	Gênero <i>Miconia</i> sp.	X	
06	Carqueja	-		X
07	Camboatá- branco	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	X	
40	Carne-de-vaca	-		X
08	Canela-fogo	<i>Cryptocarya moschata</i> Nees	X	
09	Cocão	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	X	
10	Guaçatunga	<i>Casearia decandra</i> Jacq.	X	
02	Pinheiro- brasileiro	-		X
11	Chal-chal	-		X
12	Carvalho	-		X
13	Cipó-pente-de- macaco	<i>Pithecoctenium echinatum</i> (Jacq.) Baill.	X	
14	Aroeira-bugre	<i>Lithraea brasiliensis</i> Marchad.	X	
15	Cambuí	<i>Myrciaria delicatula</i> (D.C.) O.Berg	X	
08	Canela-fogo	-		X
16	Araticum	<i>Rollinia sylvatica</i> (A. St.-Hil.) Mart.	X	
17	Guamirim	<i>Gomidesia affinis</i> (Cambess.) D. Legrand	X	
18	Guabirobeira	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> O. Berg	X	
19	Bracaatinga (caída)	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	X	
19	Bracaatinga	-		X
20	Bromélia	-		X
21	Jerivá	-		X
22	Goiaba- serrana	<i>Acca sellowiana</i> (O. Berg) Burret	X	
23	Espinho são- joão	-		X
24	Ingazeiro	-		X
25	Vassoura	-		X
26	Casca d'anta	<i>Drimys brasiliensis</i> Miers	X	
27	Cipozinho	-		X

Continua....

QUADRO 13 - Situação das espécies demarcadas na Trilha do Veado, na FLONA de Canela, RS. (Comparação entre o material original de divulgação da FLONA e levantamento atual). – Continuação...

28	Tiririca	<i>Cyperus rotundus</i> L.	X	
29	Taquareira	<i>Bambusa vulgaris</i> Schrader ex Wendland	X	
17	Guamirim	-		X
30	Sete-sangrias	<i>Symplocos uniflora</i> (Pohl) Benth.	X	
31	Leiteiro	<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax.	X	
32	Mamica-de-cadela	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> L.	X	
33	Pinho-do-brejo			X
34	Pessegueiro bravo	<i>Prunus sellowii</i> Koehne	X	
35	Murta	<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O. Berg.	X	
36	Uvaia	<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess.	X	
37	Branquilha	<i>Sebastiania commersoniana</i> (Baillon) L.B. Sm. et Downs	X	
02	Pinheiro-brasileiro	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	X	
17	Guamirim	<i>Gomidesia affinis</i> (Cambess.) D. Legrand	X	
02	Pinheiro-brasileiro	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) O. Kuntze	X	
28	Tiririca	<i>Cyperus rotundus</i> L.	X	
38	Capororoca-miuda	<i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R. Br.	X	
39	Erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i> A. St.Hil.	X	
40	Carne-de-vaca	<i>Styrax leprosus</i> Hook. et Arn	X	
41	Capororoca	<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	X	
42	Canjica	<i>Rhamnus sphaerosperma</i> Sw.	X	
03	Pinho bravo	<i>Podocarpus lambertii</i> Klotzsch ex Endl.	X	
02	Pinheiro-brasileiro	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze		X
43	Ipê-ouro	<i>Tabebuia alba</i> (Chami.) Sandwith	X	
44	Espinheira-santa	<i>Maytemis ilicifolia</i> Mart. Ex Reissek.		X
09	Cocão	<i>Erythroxylum deciduum</i> A. St-Hil.	X	
45	Canela-preta	<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Mez		X
46	Pula-pula	<i>Strychnos brasiliensis</i> (Spreng.) Mart.	X	
47	Mirante dos veados	-	X	
48	Araçá	<i>Myrcianthes gigantea</i> (D.Legrand) D.Legrand	X	
49	Guaraperê	<i>Lamanonia ternata</i> Vell.	X	

Continua....

QUADRO 13 – Situação das espécies demarcadas na Trilha do Veado, na FLONA de Canela, RS. (Comparação entre o material original de divulgação da FLONA e levantamento atual). – Continuação...

50	Cerejeira	<i>Eugenia involucrata</i> DC	X	
51	Sucurá	<i>Dasyphyllum spinescens</i> (Less.) Cabrera	X	
52	Carrapicho	<i>Sloanea monosperma</i> Vell.	X	
53	Caúna	<i>Ilex theezans</i> Mart.	X	
02	Pinheiro-brasileiro	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	X	
54	Samambaia	Gênero <i>Asplenium</i> sp.	X	
08	Canela-fogo	<i>Cryptocarya moschata</i> Nees	X	
55	Pedra com epífitas	-	X	
56	Xaxim	<i>Dicksonia sellowiana</i> Hook.	X	
57	Canudo-de-pito	<i>Escallonia bifida</i> Link & Otto	X	
02	Pinheiro-brasileiro	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	X	
02	Pinheiro-brasileiro	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	X	
41	Capororoca	<i>Myrsine umbelatta</i> Mart.	X	
58	Turfa	<i>Sphagnum</i> sp.		X
35	Murta	<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (kunth) O.Berg		X

Nas condições atuais, ocorre dificuldade para o reconhecimento dos elementos da trilha, em alguns locais, não são somente pela ausência das placas, mas pela dificuldade de visualizá-las, quando presentes. Isto se deve a falta de padronização na fixação (altura das mesmas), pela queda e ainda, pelo desaparecimento das placas. Uma avaliação das placas, quanto a sua presença e visualização foi realizada, conforme apresentado no Quadro 14.

QUADRO 14 - Resultado da avaliação dos elementos presentes na Trilha do Veado quanto a identificação e visualização das placas, segundo a distribuição atual.

Nº	Espécie /elemento	Identificação				Visualização Placa		Observação
		T	R	C	Si	F	D	
26	<i>Drimys brasiliensis</i> Miers			X			X	Placa encoberta pela vegetação
28	<i>Cyperus rotundus</i> L			X			X	Placa encoberta pelo atrativo
29	<i>Bambusa vulgaris</i> Schrader ex Wendland			X		X		Placa próxima a trilha
30	<i>Symplocos uniflora</i> (Pohl) Benth.				X		X	Placa caída ao solo
31	<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax.	X				X		Placa acima da linha de vista
32	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> L.	X				X		Placa abaixo da linha de vista
34	<i>Prunus sellowii</i> Koehn	X				X		Placa quebrada acima da linha de vista
35	<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O. Berg.			X			x	Placa caída ao solo, quebrada, bastante danificada
36	<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess.			X		X		Placa quebrada ao meio pendurada em um galho
03	<i>Podocarpus lambertii</i> Klotzsch ex Endl.	X				X		Placa no nível da linha de vista
37	<i>Sebastiania commersoniana</i> (Baillon) L.B. Sm. et Down	X				X		Placa no nível da linha de vista
17	<i>Gomidesia affinis</i> (Cambess.) D. Legrand	X				X		Placa abaixo da linha de vista
28	<i>Cyperus rotundus</i> L..				X			
02	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	X				X		Placa abaixo da linha de vista
38	<i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R. Br.	X				X		Placa na nível da linha de vista
39	<i>Ilex paraguariensis</i> A. St.Hil				X		X	Placa caída a solo distante do exemplar
40	<i>Styrax leprosus</i> Hook. et Ar	X				X		Placa na nível da linha de vista
41	<i>Myrsine umbelatta</i> Mart.	X					X	Desgaste na pintura dos números
42	<i>Rus sphaerosperma</i> Sw.	X				X		Placa na nível da linha de vista
03	<i>Podocarpus lambertii</i> Klotzsch ex Endl.	X				X		Placa na nível da linha de vista
43	<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) Sandwith	X					X	Placa acima da linha de vista
09	<i>Erythroxylum deciduum</i> A. St.-Hil.	X					X	Exemplar abaixo do nível da trilha
46	<i>Strychnos brasiliensis</i> (Spreng.) Mart.			X			X	Placa caída ao solo
47	Mirante dos veados	X				X		Placa colocada em tronco tornando confusa a identificação
48	<i>Myrcianthes gigantea</i> (D.Legrand) D. Legrand	X					X	Placa colocada lateralmente

Continua....

QUADRO 14 - Resultado da avaliação dos elementos presentes na Trilha do Veado quanto a identificação e visualização das placas, segundo a distribuição atual. Continuação.

49	<i>Lamanonia ternata</i> Vell.	X			X		Placa no nível da linha de vista
50	<i>Eugenia involucrata</i> DC	X			X		Placa no nível da linha de vista
51	<i>Dasyphyllum spinescens</i> (Less.) Cab	X			X		Placa no nível da linha de vista
52	<i>Sloanea monosperma</i> Vell.	X			X		Placa no nível da linha de vista
53	<i>Ilex theezans</i> Mart.		X		X		Placa no nível da linha de vista
02	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze)	X			X		Placa no nível da linha de vista
54	<i>Asplenium</i> sp.	X			X		
08	<i>Cryptocarya moschata</i> Nees	X			X		Placa na nível da linha de vista
41	<i>Myrsine umbelatta</i> Mart.	X				X	Exemplar distante da trilha. Dificil leitura
07	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	X			X		Placa no nível da linha de vista
08	<i>Cryptocarya moschata</i> Nee	X			X		Placa na nível da linha de vista
55	Pedra com epífitas			X			
56	<i>Dicksonia sellowiana</i> Hoo			X			
09	<i>Erythroxylum deciduum</i> A. St.-Hil	X			X		Placa acima da linha de vista
10	<i>Casearia decandra</i> Jacq		X			X	Placa caída ao solo
02	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze			X			Presença de vários exemplares, sem identificação
05	<i>Miconia</i> sp	X			X		Placa no nível da linha de vista
13	<i>Pithecoctenium echinatum</i> (Jacq) Baill.	X			X		Placa na nível da linha de vista
15	<i>Myrciaria delicatula</i> O. Berg	X			X		Placa abaixo da linha de vista
16	<i>Rollinia sylvatica</i> (A. St.-Hil) Mart.	X			X		Placa abaixo da linha de vista
17	<i>Gomidesia affinis</i> (Cambess.) D. Legran	X			X		Placa no nível da linha de vista
18	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> O. Berg	X			X		Placa no nível da linha de vista
20	(Bromélia)		X				Existe apenas a placa sem o exemplar
19	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	X			X		
22	<i>Acca sellowiana</i> (O. Berg) Burret	X			X		Placa na nível da linha de vista
57	<i>Escallonia bifida</i> Link & Otto	X				X	Placa abaixo da linha de vista

Onde: T= no tronco R= no ramo C= no chão Si= sem identificação F= fácil D= difícil

A posição do observador em relação aos atrativos observados foi de dominância, dada a proximidade dos elementos da trilha.

4.7.2 Potencialidade da trilha

Embora, sendo considerada, uma paisagem fechada (canopied), também denominada paisagem verde ou paisagem florestal, onde a representatividade dos elementos naturais recai sobre a vegetação, no presente estudo, a potencialidade da trilha foi avaliada como subsídio a projetos de Educação Ambiental, baseados em:

- análise das espécies demarcadas quanto a aspectos botânicos e utilização comercial e popular (Anexo 16);
- percepções do ambiente da floresta.

Há de se considerar que, esta é uma, dentre as múltiplas possibilidades de exploração do tema “Trilhas em Florestas Nacionais”, como objeto para o desenvolvimento da Educação Ambiental, até porque, compartilha-se com Oliveira (2000), a opinião que a Educação Ambiental deve buscar um novo ideário comportamental, tanto no âmbito individual, quanto coletivo. Ela deve começar em casa, ganhar as praças e as ruas, atingir os bairros e as periferias, evidenciar as peculiaridades regionais, apontando para o nacional e o global. Deve gerar conhecimento local, sem perder de vista o global precisa, necessariamente, revitalizar a pesquisa de campo, no sentido de uma participação pesquisante, que envolva pais, alunos, professores e comunidade.

A interpretação da natureza, conforme Milano (1993), é uma atividade educativa, cujo propósito é dar a conhecer o significado dos recursos através de aspectos originais, ao invés, do simples comunicar de sua significância ou importância. As técnicas de interpretação em áreas silvestres objetivam confundir as atividades de recreação e educação, imperceptivelmente, de maneira que o visitante desenvolva sua educação ambiental, sem se aperceber disso.

O desafio da questão ambiental, por sua extensão e complexidade, vem exigindo uma abordagem cada vez menos ortodoxa, rompendo com a tradição segmentada e reducionista, e requerendo a aplicação de métodos multi e interdisciplinares. Em função disso, torna-se necessária a consolidação de um entendimento mais amplo do processo de educação ambiental, ou seja, de que a educação ao trabalhar com as questões ambientais não se reduz, ao ensino ou à defesa da ecologia. A educação ambiental deve, sim, ser, encarada como um processo voltado para a apreciação da questão ambiental sob sua perspectiva histórica, antropológica, econômica, social, ecológica e cultural, enfim, como educação política, na medida em que são decisões políticas todas as que, em qualquer nível, dão lugar às ações que afetam o meio ambiente (Oliveira, 2000).

A educação crítica e transformadora fortalece o sujeito enquanto agente do ato de educar e muda a sociedade. O ser humano está se educando sempre, até o final da vida (Nicola, 1999).

A apresentação de enfoques populares da vegetação da trilha, remete a Nicola (1999), ao dizer que as crenças, empiricamente, analisando podem afirmar ou negar as relações entre dois objetos ou entre atributos destes. Interessa assim, considerá-las na sua origem e na influência que exercem no comportamento.

Para Simões *et al.* (1998), o homem primitivo, certamente, experimentava as plantas do seu ambiente, selecionando algumas para sua alimentação, rejeitando outras por serem prejudiciais ou tóxicas e transmitia a experiência acumulada. Da mesma maneira, deve ter experimentado os vegetais para aliviar seus males ou mesmo seu tédio. Esse método de tentativa e erro ou forma empírica de aquisição de conhecimentos não deve ser desprezado, pois foi assim que surgiram descobertas fundamentais.

O relato do uso das diferentes espécies, principalmente, em se tratando de crianças ou jovens, demonstra a proximidade dos vegetais com os elementos de uso cotidiano, como o papel, madeira, palito, medicamentos, entre outros. Esta relação é fundamental para um público, eminentemente, urbano e dotado das facilidades dos bens de consumo, indiferentes e/ou desinformados da profunda relação homem/natureza e da tênue aliança entre ambos, pois, conforme Mantovani (1972), cada época, ao determinar sua cultura, vai moldando, formando uma imagem especial de homem. Esta imagem gera uma teoria de educação e cada teoria exige um sistema pedagógico derivado. A maneira de se conceber a existência humana está, diretamente, ligada àquela teoria.

A análise mais apurada das espécies existentes, demonstrou uma diversidade, conforme apresentado no Anexo 16, quanto suas características estruturais, folhagem, florescimento, frutificação e utilização, sendo estas informações oportunas para os casos específicos de projetos de Educação Ambiental.

Quanto a percepção, segundo Freire (1999), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.

As leituras e releituras que se faz do ambiente, se inserem em um contexto que interrelaciona o conjunto de sistemas naturais e sociais em que vivem os homens e os outros seres (Oliveira, 2000).

De acordo com Punter *apud* Pires (1999), todo o processo de percepção envolve no mínimo três aspectos, estreitamente, inter-relacionados embora,

claramente, diferenciáveis: a experiência sensorial, a cognição e a avaliação ou preferência.

Mesmo reiterando que o processo de percepção é o resultado da experiência pessoal, aprendido, imaginação, memória, além de ser individual e cultural e, como tal, sujeito a diferentes leituras, acredita-se que em caso de crianças o mesmo poderá ser desenvolvido através da orientação e do chamamento a aspectos, como os apontados na Figura 93.

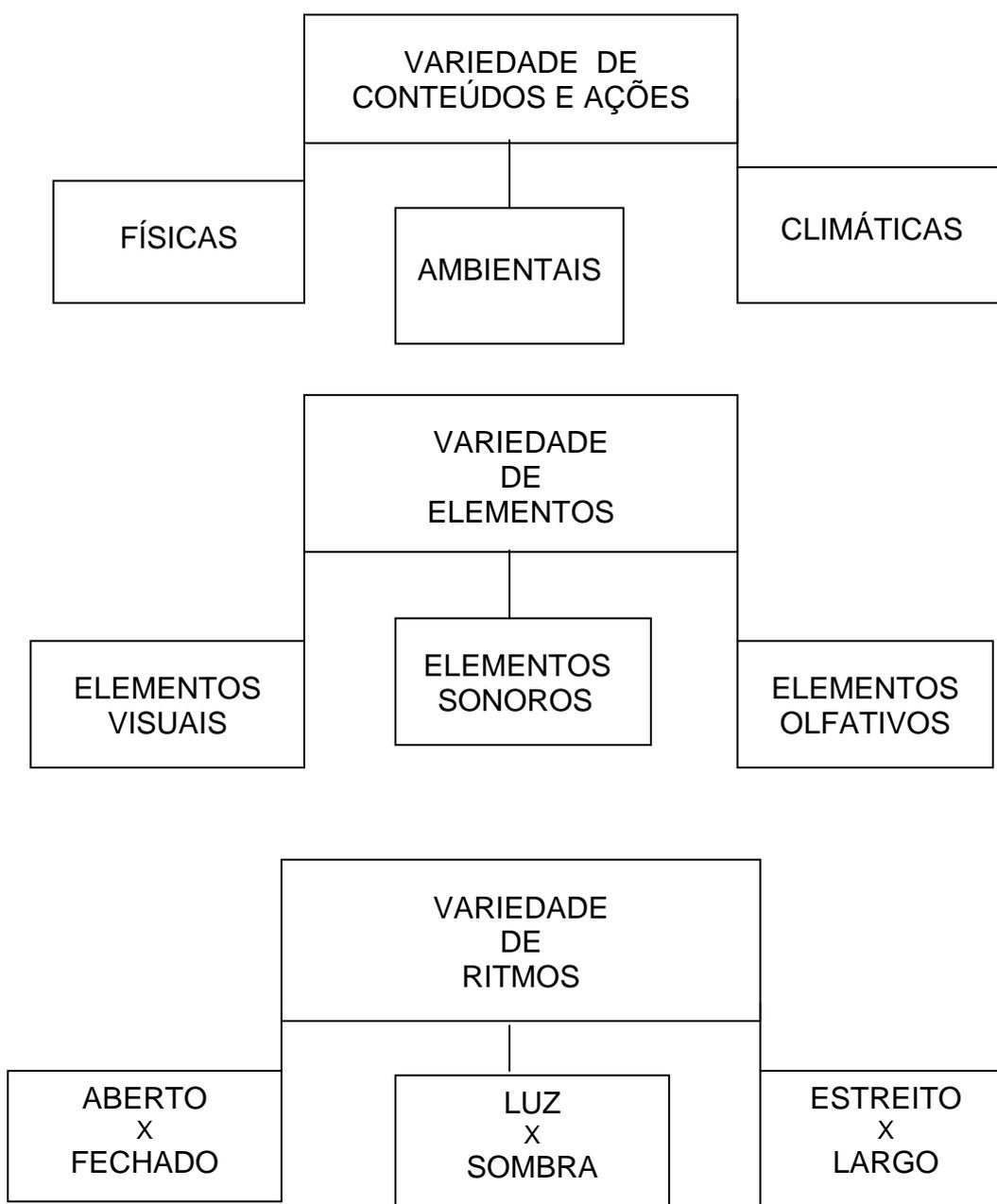


FIGURA 93- Esquema das possibilidades de percepção a serem desenvolvidas na Trilha do Veado.

Os resultados apontaram, através do processo de observação, a possibilidade de explorar o modelo apresentado na Figura 93, pois a grande maioria das possibilidades podem ser exploradas. Assim, no tocante a variedade de conteúdos e ações, os aspectos físicos revelaram:

- movimento do relevo;
- presença de rochas;
- diferença na quantidade do material de cobertura do solo nas diferentes épocas;
- diferenças dos teores de umidade, temperatura e velocidade do vento.

QUADRO 15 - Qualidade visual dos elementos presentes na Trilha dos Veados.

Elemento	Valores	Freqüência	Percentual	Característica predominante
Linha	0	1	1.92	Parcialmente definida
	1	8	15.38	
	2	28	53.85	
	3	15	28.85	
Forma	0	5	9.62	Orgânica
	1	9	17.31	
	2	11	21.15	
	3	27	51.92	
Grau de textura	0	2	3.85	Média
	1	3	5.77	
	2	37	71.15	
	3	10	19.23	
Ordenamento da textura	1	21	40.38	Aleatória
	2	28	53.85	
	3	3	5.77	
Cores	1	2	3.85	Pouca variação
	2	39	75.00	
	3	11	21.15	
Tonalidades de verde	1	7	13.46	Pouca variação perceptível.
	2	27	51.92	
	3	18	34.62	

Tomando por base o reconhecimento da vegetação demarcada (atrativo), e o Instrumento X (Anexo 14), foi possível realizar a análise da Qualidade Visual da Trilha dos Veado (Quadro 15).

A paisagem da trilha caracterizou-se, em 53,85% das avaliações, por linhas parcialmente definidas, seguido de bordos difusos (15,38%).

A proximidade dos exemplares imprime configurações diferentes nas linhas, ora representadas pela verticalidade dos troncos, ora pela horizontalidade de copas. As linhas curvas de ramos e cipós criaram os maiores obstáculos visuais. Outro fator a considerar é o grau de luminosidade da trilha que dificulta a visualização e compromete as tonalidades.

No geral, as formas observadas foram orgânicas (51,92%), embora em alguns casos, fossem classificadas por complexas (17,31%), dado ao grande número de galhos quebrados e dispostos irregularmente, devido a ação do vento. As formas geométricas foram registradas onde ocorriam apenas espécies herbáceas e pequenos arbustos e a visão correspondia aos troncos cilíndricos e altos, refletindo-se numa composição mais aberta e, relativamente, homogênea.

O grau de textura foi média (71,15%), com 53,85% do ordenamento de forma aleatória.

As cores do conjunto apresentaram pouca variação (75,00%), sendo os 21,15% encontrados com variação, correspondentes as espécies que se encontravam floridas ou com frutos de coloração mais expressiva.

Como a paisagem da Trilha do Veado caracterizou-se pela coloração verde da folhagem das copas e epífitas, além das espécies de cobertura (estrato inferior), a mesma ao ser analisada, apresentou 51,92% da vegetação, com pouca variação (tonalidades próximas), mas perceptíveis.

Os efeitos referidos, quanto a qualidade visual da Trilha do Veado, poderão ser desenvolvidos, tanto em atividades de Educação Ambiental, como poderá ser induzida a observação através de material de divulgação oferecido aos visitantes. Para Ferretti (2002), os programas de Educação Ambiental não podem desconsiderar o Ecoturismo e, vice-versa. Se, o Ecoturismo poderá ser interpretado como veículo da implantação de um programa de Educação Ambiental, o desenvolvimento de um projeto de turismo sustentável depende, diretamente, das estratégias de Educação Ambiental.

Independente, das funções ecológicas e didáticas possibilitadas pela presença da trilha, a mesma poderá ser utilizada com a função de caminhadas (trekking). O termo "trekken", surgiu no início do século XIX e foi empregado pela primeira vez por trabalhadores holandeses que colonizaram a África do Sul. Com a invasão dos britânicos, a palavra foi absorvida pela língua inglesa e passou a designar as longas caminhadas, no interior do continente africano. Atualmente,

utiliza-se a palavra significando caminhadas em trilhas naturais.

As caminhadas foram apontadas como a terceira atividade preferida pelos turistas, da cidade de Gramado, em pesquisa realizada por Ruschmann *et al.* (2002).

No presente trabalho, os turistas entrevistados, na ordem de 38,98%, 17,46%, 8,19% e 36,20%, nas quatro épocas, respectivamente, ou seja, julho, outubro, dezembro e fevereiro, apontaram o interesse em praticar caminhadas em possíveis visitas à FLONA.

As atividades florestais deverão participar cada vez mais no desenvolvimento do país, tanto, sob o ponto de vista econômico, como geradora de divisas, mas também, no âmbito social, como componente indispensável à manutenção da qualidade de vida.

A oportunidade de aliar atividades produtivas e preservacionistas, em um mesmo sítio, reforça a interdependência da sociedade com as florestas.

A inserção do indivíduo em uma Unidade de Conservação, deverá relacionar os espaços vegetados e seus componentes com o cotidiano das pessoas, em especial, as crianças, demonstrando a importância ecológica e sócio-econômica.

A idéia de trilha como missão pedagógica deverá trabalhar, por parte dos professores, o local como um sistema de correspondências e evocações entre as cores, formas, texturas e o conhecimento botânico, ecológico e popular.

4.7.3 Reestruturação física e visual da trilha

Para que seja implementada de forma efetiva a utilização da Trilha do Veado, aos turistas e às escolas, algumas intervenções deverão ser efetuadas, propostas a seguir:

4.7.3.1 Determinação do trajeto

Atualmente, não existe um trajeto definido para a Trilha, sendo que a mesma pode ser acessada, de duas maneiras, uma vez que não há informação de seu início e fim.